Parte 1 - Pesquisa qualitativa: conceitos básicos

Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas

Angela Fagna Gomes de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, A.F.G. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 55-68. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas*

Angela Fagna Gomes de Souza

Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador ‘colocar-se no papel do outro’, vendo o mundo pela visão dos pesquisados.

Arilda S. Godoy (1995a, p. 61).

Cada vez mais, adotamos nas pesquisas geográficas qualitativas técnicas e procedimentos advindos de outras ciências como forma de aprimorar os conhecimentos e entender com maior precisão a realidade pesquisada. As ciências sociais e a antropologia, em especial, vêm contribuindo consideravelmente com opções metodológicas específicas que instigam o pesquisador a adentrar um universo que não se limita apenas à coleta de dados quantitativos. Essa opção conta com elementos essenciais, como a capacidade e a sensibilidade do olhar do pesquisador de buscar resultados qualitativos, deixando-se guiar pelo campo e levando sempre em consideração o ponto de vista das pessoas envolvidas. Além disso, leva o pesquisador a tentar alcançar uma visão total dos fatos, ou, como prefere Marcel Mauss, a busca do “fato social total”.

* Grande parte das discussões apresentadas neste texto integra o capítulo metodológico de minha dissertação de mestrado, intitulada *O tempo das águas: ciclos de vida entre as margens do Rio São Francisco, Pirapora/MG* – defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em fevereiro de 2011, sob orientação do professor Carlos Rodrigues Brandão –, e a participação na disciplina Fundamentos de Metodologia Científica, ministrada pelos professores Julio Cesar de Lima Ramires e Vera Lúcia Salazar Pessoa no segundo semestre de 2011.

Nesse sentido, enfocamos neste texto, em primeiro lugar, a importância da pesquisa qualitativa para as ciências humanas e buscamos na antropologia a etnografia como suporte metodológico para as pesquisas geográficas, pautadas em especial nas leituras de Malinowski (1978), Geertz (1989) e Angrosino (2009). Suas obras são referências em vários ramos das ciências sociais e convidam o pesquisador a experimentar uma pesquisa envolvente capaz de captar as singularidades do ambiente pesquisado.

Procuramos, portanto, traduzir o conceito e a aplicabilidade da etnografia, apresentando-a como um instrumento eficiente nos estudos qualitativos e evidenciando a importância de sua utilização nas pesquisas geográficas. Ela é explorada aqui para demonstrar que seus instrumentos proporcionam uma análise minuciosa e completa e uma participação ativa dos sujeitos pesquisados. Essa abordagem implica desvendar relações e interações por meio de ferramentas que envolvem o saber/pesquisar e orienta o pesquisador sobre as regras e cuidados que norteiam uma pesquisa etnográfica.

Em segundo lugar, apresentamos uma proposta metodológica de pesquisa que enlaça a geografia e a antropologia como forma de auxiliar pesquisadores que buscam trilhar esses caminhos. Denominamos essa interação de geoetnografia, que se caracteriza pela vivência do pesquisador com o ambiente pesquisado. Nesse caso, consideramos que a pesquisa se faz a partir do momento em que o pesquisador começa a pensar sobre ela, e não apenas quando inicia seu trabalho de campo. Da mesma forma, ela também não tem ponto final, mas uma pausa para pensar e até desconstruir certas afirmações.

Por fim, tecemos algumas considerações na intenção de contribuir para as discussões sobre o uso da pesquisa qualitativa, em especial da etnografia, na geografia. Assim, entendemos que cada degrau desse caminhar constitui um pilar importante na construção da pesquisa, conforme será exposto nos tópicos seguintes.

Pesquisa qualitativa: instrumentos e possibilidades

A pesquisa qualitativa vem sendo utilizada atualmente como um instrumento teórico-metodológico importante em estudos das ciências humanas e sociais e, mais raramente, das ciências da natureza, rompendo o paradigma da “quantificação” como método predominante na apresentação dos resultados da análise.

O processo histórico de utilização da pesquisa qualitativa teve suas raízes na antropologia, que introduziu os estudos etnográficos como um instrumento fundamental para a explicação dos fenômenos estudados. Essa pesquisa teve como precursores autores como Franz Boas e Malinowski, que realizaram longas pesquisas de campo fundamentalmente descritivas, considerando essencialmente o ponto de vista dos sujeitos

pesquisados. Triviños “reconhece a pesquisa etnográfica como uma forma específica de investigação qualitativa” (1987, p. 121).²

Godoy (1995a) afirma que somente nos últimos trinta anos a pesquisa qualitativa começou a ganhar espaço em outras áreas. Sugere que essa pesquisa deve obter os dados de forma descritiva, e não por meio da estatística. O que interessa nesse tipo de pesquisa é a forma como os dados são coletados, priorizando o contato direto do pesquisador com o objeto estudado, valorizando instrumentos como a entrevista, a análise documental e as observações diretas.

Ao longo dos anos, as pesquisas qualitativas têm evoluído e gerado grande diversidade de trabalhos e estilos de análise, com diferentes considerações quanto aos sujeitos. Segundo Triviños, existem três bases teóricas possíveis para essas pesquisas: a estrutural-funcionalista, a fenomenológica e a materialista dialética. “Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o pesquisador” (1987, p. 125).

Apesar das diferentes formas de investigação na pesquisa qualitativa, o papel do pesquisador torna-se indispensável, pois é ele o “instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados” (Godoy, 1995a, p. 62). Portanto, dadas as opções teórico-metodológicas, ele deve se preocupar com a forma como os dados são adquiridos, e não simplesmente com os resultados a serem alcançados.

Em outro artigo, Godoy (1995b) indica que, para melhor entendimento dos fenômenos estudados, é importante uma análise integradora, capaz de captar todos os pontos de vista relevantes a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, a fim de que se entenda com clareza toda a sua dinâmica. Nessa perspectiva, a autora aponta três caminhos: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

A pesquisa documental requer uma análise minuciosa de materiais escritos, estatísticos e iconográficos. Nesse tipo de investigação, há algumas vantagens, como a possibilidade de estudos de pessoas às quais não temos mais acesso físico, a capacidade de conseguir informações sobre longos períodos de tempo e a originalidade na forma como os dados são apresentados. Sabemos, porém, que existem dificuldades para se fazer esse tipo de pesquisa, como a falta de acesso aos acervos, a complexidade da codificação das informações e a ausência de comportamentos não verbais. A análise do conteúdo tem sido um instrumento bastante utilizado para suprir as dificuldades encontradas.

Já o estudo de caso privilegia a análise minuciosa e profunda de um ambiente ou sujeito particular. Nesse tipo de pesquisa, é importante a apreensão completa do

² É importante ressaltar que outros autores, sobretudo antropólogos e sociólogos, consideram a etnografia um método de interpretação.

fenômeno em estudo, considerando suas dimensões, multiplicidades e divergências. O pesquisador tem de se valer de uma “variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista” (Godoy, 1995a, p. 26).

A observação pode ser de caráter participante ou não participante. Na observação participante, o pesquisador participa ativamente de todas as atividades, o que torna a pesquisa interativa por natureza, sendo o pesquisador parte vivente do processo a ser estudado. De acordo com Brandão, a pesquisa participante deve “partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais ou coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (2006, p. 41). Nesse sentido, devemos considerar fonte do saber o conhecimento partilhado, dinâmico e integrador em uma relação de sujeito-sujeito, e não mais de sujeito-objeto. Já na pesquisa de observação não participante o pesquisador apenas observa, é espectador. Não é da natureza desse procedimento a interação ou a vivência, apenas a observação meticulosa e rigorosa do fenômeno a ser desvelado ou compreendido. Obviamente, essa não é a única diferença entre essas pesquisas, existe uma discussão acerca dos instrumentos usados tanto em uma quanto em outra. Para nosso objetivo aqui, convém apenas pontuar suas principais diferenças.

Por último, Godoy apresenta a pesquisa etnográfica como um recurso importante para as pesquisas qualitativas. Ela abrange a descrição e a interpretação de certo grupo, tendo como suporte principal o trabalho de campo. “O trabalho de campo é o elemento mais característico da pesquisa etnográfica” (1995b, p. 29). Somente com ele é possível que o pesquisador tenha um contato direto com a cultura do grupo estudado e procure decifrar seus signos e significados. Deve-se dar atenção tanto aos fatos mais amplos quanto às inter-relações singulares do local e das pessoas estudadas. Além disso, o pesquisador deve tentar relacionar os fenômenos observados e vividos com o conhecimento teórico a respeito de sua temática de pesquisa.

Nesse contexto, apresentaremos a seguir a etnografia como uma opção metodológica que pode ser seguida por interessados em pesquisas qualitativas envolvendo estudos culturais.

A pesquisa etnográfica

No capítulo de abertura de seu livro, originalmente publicado em 1922, Malinowski apresenta uma descrição dos instrumentos utilizados na coleta do material etnográfico referente às pesquisas realizadas entre os nativos das Ilhas Trobriand, uma população de 1.200 melanésios da costa nordeste da Nova Guiné, durante a década de 1910. Pouco tempo depois, essa apresentação passou a ter lugar privilegiado na

antropologia, provocando uma verdadeira revolução nos referenciais teóricos e nos objetivos gerais da disciplina, sendo considerada por muitos um padrão original e exemplar em termos metodológicos.

Em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978), Malinowski demonstra que, para entender os aspectos da cultura da vida nativa, devem-se estudá-los de maneira total, por meio da análise de seus fenômenos e instituições, conforme técnicas específicas de descrição, compreensão e aprimoramento de informações, adquiridas com a prática da etnografia.

Seu estudo etnográfico visava produzir uma “visão autêntica da vida tribal” e foi mediado pela capacidade de ultrapassar alguns obstáculos e de satisfazer certas regras. Do lado dos obstáculos, ele citou tanto a falta de domínio da língua nativa, sem o qual não se atingiria o “significado intrínseco da vida tribal”, quanto os “preconceitos e opiniões” dos “outros homens brancos” que viviam na região, além das dificuldades de inserção do pesquisador na comunidade local. Essas dificuldades foram sentidas pessoalmente por ele em seu primeiro trabalho de campo, durante alguns meses entre os magis da Nova Guiné, conduzido basicamente com a ajuda de intérpretes e com o etnógrafo morando fora da aldeia.

O autor afirma que é preciso aprender o idioma nativo, “afastar-se da companhia de outros homens brancos” e transferir-se para dentro da aldeia. A partir disso, é possível configurar as condições para um “relacionamento natural” entre o etnógrafo e os nativos, a tal ponto que o primeiro deixaria de “representar um elemento perturbador na vida tribal que devia estudar” (1978, p. 21). Tais condições propiciariam ainda ao etnógrafo uma visão em tempo integral e exaustiva do cotidiano nativo. “Tudo que se passava no decorrer do dia estava plenamente ao meu alcance e não podia, assim, escapar à minha observação” (p. 22).

Assim, ao lado das regras, o trabalho de campo estava devidamente integrado às problematizações teóricas, propiciando ao etnógrafo um “contato o mais íntimo possível” com o grupo estudado e permitindo-lhe “tomar parte na vida da aldeia”. Desse modo, esse autor fornece os dados que cumpririam os objetivos da pesquisa etnográfica por meio de seus “três caminhos”: a documentação estatística por evidência concreta, a atenção aos “imponderáveis da vida real” e a elaboração de um *corpus inscriptionum*.

Cada um dos três caminhos corresponde a uma tarefa determinada, com a produção de registros específicos: *as regras sociais*, apresentadas por meio de quadros sinóticos, recenseamentos e mapas; *os comportamentos reais*, detalhados e minuciosamente descritos nos diários etnográficos; a *mentalidade nativa*, preservação do idioma nativo, registros por meio de transcrição de palavras e asserções características, narrativas típicas.

A apreensão das regras, dos comportamentos e das categorias de pensamento sugere “três caminhos”, três tarefas e até três registros distintos do trabalho antropológico.

Malinowski apresenta a primeira tarefa como referência a um “princípio geral”, que logo se transforma em um dos aspectos da etnografia, já que se trata apenas da dimensão “legal”, o que “é permanente e fixo”. Posteriormente, ele exige que apreendamos a forma como os nativos vivem suas tradições por meio de exemplos bem concretos, convertendo logo a tarefa no registro de sua “vida real”. E, por fim, sugere uma atenção específica ao acesso aos “estados mentais” dos nativos, ainda que o encaminhamento que confere ao problema não seja seu interesse maior.

O modo como Malinowski formula a pesquisa etnográfica está alicerçada em um conjunto único e indissociável, interpretado da seguinte forma: o esqueleto; a carne e o sangue; e o espírito. Esses três fatores sugerem, mais do que simplesmente a imagem de um ser orgânico, a sobreposição de camadas que não perdem, cada qual, sua constituição própria. O esquema 1 representa uma análise dessas três etapas de desenvolvimento da pesquisa etnográfica.

Fonte: Malinowski (1978).

Organização: Maria das Graças C. Cunha (2007).

Esse esquema sugere caminhos importantes para uma pesquisa etnográfica ser bem-sucedida e ter seus resultados científicos dispostos de maneira eficiente. Ela deve abarcar, em primeira dimensão, a objetividade mais visível e concreta do fato ou fenômeno estudado; posteriormente, a subjetividade, que compreende as relações sociais imbricadas na vivência cotidiana; e, por fim, a compreensão que os sujeitos pesquisados produzem sobre os fatos sociais e/ou os fenômenos estudados.

Portanto, o esqueleto compreende os fatos concretos, obtidos por meio de levantamento de dados. A carne e o sangue retratam o modo cotidiano de viver, o fluxo regular dos acontecimentos diários, demonstrações de alegria em relação a uma festa, cerimônia ou fato peculiar. Essa dimensão, segundo Malinowski (1978), só pode ser alcançada a partir da convivência íntima com os nativos. Já o espírito corresponde ao modo de pensar e agir dos nativos, isto é, à maneira como eles explicam a própria realidade de “seu” mundo e à forma como o pesquisador interpreta esse comportamento. Para o autor, alcançar essas três dimensões constitui a essência da pesquisa.

Uma das qualidades da etnografia de Malinowski (1978) é a precisão em transmitir para o leitor a sensação de “estar lá”. Ele relata sua experiência de contato com os nativos de forma envolvente e detalhada, citando, para isso, algumas condições adequadas para a realização da pesquisa etnográfica. O pesquisador deve, antes de mais nada, “procurar afastar-se da companhia de outros brancos, mantendo-se, assim, em contato o mais íntimo possível com os nativos”. Ele evidencia a importância de estabelecer uma base na residência de um branco “suficientemente longe para que não se torne um local de moradia permanente” (p. 21), mas de onde ele possa sair a determinadas horas, para visitar a aldeia.

Segundo Malinowski, é importante permanecer na aldeia porque “é enorme a diferença entre relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles” (p. 22). Para o etnógrafo, significa que ele deixa de ser um “elemento perturbador” que, com a própria aproximação, alterava a rotina diária dos nativos que pretendia estudar. Então, morar na aldeia com o interesse de acompanhar a vida nativa é como observar verdadeiramente a carne e o sangue de cada um e projetar o esqueleto de suas construções abstratas.

Além disso, o etnógrafo deve trazer consigo o maior número de problemas possível e ter o hábito de formular teorias que possam ou não ser contestadas pelos fatos. Saber enunciar problemas e procurar desvendá-los constitui uma das maiores ferramentas de um pesquisador preocupado com o improvável da vida cotidiana.

Lembremos que essas orientações proclamavam constituir um “relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações”, cumprindo

uma exigência da metodologia científica (p. 18). Mas elas também destinavam-se a mostrar que o etnógrafo “entrara realmente em contato com os nativos”.

Segundo Malinowski (1978), o objetivo básico da pesquisa etnográfica de campo é mostrar nítida e claramente a constituição social e separar leis e regularidades dos fenômenos naturais daquilo que for irrelevante. O estudo é feito por meio de perguntas em situações reais e/ou hipotéticas; somente desse jeito os nativos conseguem discorrer sobre o tema proposto. Deve-se observar o comportamento das pessoas, porque assim é possível descobrir o comentário sobre determinado assunto contido na mente do nativo.

Seja como for, uma questão permanece sem resposta definitiva: como fazer falar sobre si um saber que se construiu, em termos de seu objeto e de sua metodologia, em um discurso sobre o outro? Ou como fazê-lo dizer algo diretamente sobre nós mesmos?

Malinowski (1978), em sua descrição etnográfica, buscou interpretar povos distantes; seus estudos foram capazes de descrever a vivência de pesquisa, mas não avançaram na teorização da totalidade dos fatos pesquisados.

Assim como Malinowski (1978), o antropólogo norte-americano Geertz (1989) priorizou o uso da “prática da etnografia” em seus estudos culturais. Ele avançou em um ponto importante, esclarecendo que a etnografia não deve ser utilizada para “estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário”; deve ser definida como um “esforço intelectual”, que visa a uma “descrição densa” da realidade pesquisada (p. 4). Segundo ele, “fazer a etnografia é como tentar ler um mosaico estranho” (p. 7).

Apesar do marco histórico desses dois antropólogos, as pesquisas etnográficas não pararam no tempo e muitos outros pesquisadores continuaram trabalhando e aprimorando o conceito. Recentemente, podemos citar autores como André (1995, 1997, 2008), Angrosino (2009), Brandão (1995, 2006), Hammersley e Atkinson (1994) e Moreira e Caleffe (2006), que buscam formas, técnicas e enfoques específicos para se trabalhar a etnografia em diferentes abordagens e áreas do conhecimento.

Angrosino destaca que “a etnografia é a arte e a ciência de desvendar um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (2009, p. 30); requer, portanto, uma pesquisa minuciosa da vida cotidiana de um grupo ou de uma comunidade. Segundo o autor, isso envolve a experiência do pesquisador, que é ao mesmo tempo “participante subjetivo” e “observador objetivo”.

Segundo esse mesmo autor, a etnografia pode ser trabalhada tanto como método quanto produto de pesquisa. O método etnográfico requer pesquisa de campo, longo período de tempo (variando de semanas a meses ou até a anos), é personalizado (o pesquisador é participante/observador), multifatorial (utiliza técnicas diferenciadas de coletas de dados), indutivo (descrição/explicação), dialógico (busca discutir os dados com os informantes) e holístico (visão do todo) (p. 31). Já como produto, a etnografia

“é uma narrativa sobre a comunidade em estudo que evoca a experiência vivida daquela comunidade e que convida o leitor para um vicário encontro com as pessoas” (p. 34).

Brandão (1995, 2006) traz em suas obras exemplos bastante interessantes de como a pesquisa etnográfica pode ser aplicada. Utiliza quatro grandes pilares que norteiam a pesquisa: as práticas do fazer, as éticas do agir, as lógicas do pensar e o universo simbólico. Essas fases constituem a essência da pesquisa. Para ele, as práticas do fazer estão alicerçadas nos saberes populares e na vida cotidiana da comunidade; logo, envolvem a descrição dos atores, das cenas e dos cenários da pesquisa. As éticas do agir referem-se ao comportamento individual e/ou coletivo que rege a vida comunitária; são as regras, as gramáticas e os códigos sociais específicos do ambiente pesquisado. As lógicas diferenciadas do pensar remetem ao sentimento identitário e à sua representação social; são formas próprias de pensar e agir perante o outro. Já o universo simbólico abarca a maneira como o indivíduo vê o mundo e se coloca nele; ele retrata, por exemplo, seu pensamento ideológico com relação a crença, religião etc.

Assim como outras ciências, a etnografia adquire, a cada dia, papel importante nos trabalhos relacionados à geografia humana e constantemente vem sendo utilizada nos estudos envolvendo pesquisas culturais. Apesar de haver uma variedade de outros autores que trabalham com essa temática, tomamos os estudos de Malinowski (1978), Geertz (1989) e Angrosino (2009) como os principais aportes teóricos e metodológicos para o desenvolvimento das pesquisas etnográficas.

A seguir, apresentaremos uma proposta de pesquisa que busca intercalar os procedimentos etnográficos com o olhar geográfico, tendo como eixo norteador o pesquisador participando ativamente do ambiente pesquisado, o que denominamos de geoetnografia.

A experiência da pesquisa geoetnográfica

As reflexões teóricas e metodológicas se fazem presentes na geografia, visto que nós, pesquisadores, temos o objetivo de aprimorar nossos conhecimentos e superar os desafios que nos são lançados. Quando optamos pelos estudos qualitativos, estamos lidando com uma dupla obrigação: em um primeiro lugar, com nossos compromissos de pesquisa; e, em segundo, com as pessoas pesquisadas. Estas deixam de ser meramente “objetos de pesquisa” para ser protagonistas de nossos estudos, “sujeitos da pesquisa” que interagem e dão voz.

Neste texto, propomos traçar uma estratégia de análise, visando contribuir com pesquisas que buscam compreender os significados das ações, dos comportamentos, das relações e dos modos de vida de sujeitos e/ou grupos sociais. Apresentamos um exercício metodológico de pesquisa que tenta enlaçar a “prática da etnografia” e o olhar

geográfico. Trata-se de um esforço decorrente da necessidade de abarcar novas visões, o qual lança um olhar curioso, penetrante e aberto a significados diferentes, a fim de articular saberes e pessoas, informações e lugares.

Passaremos, a partir de agora, a trilhar os caminhos e momentos de uma pesquisa geoetnográfica. Salientamos que o objetivo maior dessa proposta é buscar entender pela visão “deles”, de como “eles dizem” e sobre a forma “como eles vivem”. Para tanto, listamos algumas etapas que julgamos importantes para a validação da pesquisa, apresentada da seguinte forma: o *estar aqui*, o *ir*, o *estar lá* e o *voltar de lá*.

Essas etapas servem como um roteiro imaginário e compreendem os momentos de pesquisa a serem vividos pelo pesquisador: os preparativos de “ida” ao campo, o caminho percorrido, os dias vividos, a despedida do campo, o caminho de volta e, por fim, as reflexões. Todo esse universo compreende momentos importantes e indissociáveis da pesquisa geoetnográfica.

O lá – o imaginado

Este é o primeiro momento para se pensar a pesquisa de campo. Nessa etapa, o pesquisador procura descrever e/ou imaginar de maneira bem genérica a região e/ou o local a ser pesquisado. Aparecem visões muito amplas e diversificadas dos fatos, com o propósito de direcionar a problemática da pesquisa. É o olhar de fora, o que denominamos como o imaginado.

O aqui lá – falando dos de lá

Definido como uma pré-noção daquilo que se sabe sobre o ambiente e as gentes a serem pesquisadas. Momento em que o “eu pesquisador” analisa de longe como são as pessoas, as casas e o lugar a ser pesquisado. Normalmente, são feitas leituras prévias sobre o que se pesquisa e a forma como se pesquisa. Ainda prevalece uma visão parcial dos fatos, entendida apenas pelo que foi colhido em pesquisas anteriores ou, ainda, pelo que foi dito pelos que já conhecem o local e/ou as gentes pesquisadas.

O chegar lá – o primeiro olhar

A partir daqui, contamos com o fato concreto, a chegada ao universo da pesquisa. Realizamos não só o campo de descrição, a vista totalitária, o contato, a descoberta, as indagações, o pensar, mas também o agir, o procurar, o investigar, o analisar e, acima de tudo, o observar. Devemos, inicialmente, ter um olhar atento sobre o local da pesquisa, analisada por uma visão intencionalmente espontânea e genuína dos cenários e fatos a

serem pesquisados. O “estranhamento”, a desconstrução, os questionamentos são passos importantes nesta etapa. Tudo o que parece normal e rotineiro passará a ser observado como diferente, desmascarando possíveis julgamentos prévios.

O estar lá – o vivido, o sentido e o colhido

É a pesquisa de campo propriamente dita, em que estão relacionadas todas as ferramentas utilizadas na pesquisa: o vivido, o sentido, o colhido, enfim, a pesquisa concreta. Lançamos nossas indagações, nosso olhar crítico sobre o que deverá ser investigado. É neste momento que o pesquisador coloca em prática todas as suas técnicas e instrumentos de pesquisa previamente selecionados. Porém, ele deve estar preparado para os “imponderáveis da vida real”. Muitas previsões podem ser superadas pela vivência em campo. O pesquisador deve saber adaptar-se aos costumes, ao conhecimento local e aos ensinamentos dos pesquisados; afinal, cada grupo ou comunidade se relaciona de forma particular com os “seus” e com os “outros”. Esse contato deve sempre ser cuidadoso e sutil, como forma de respeito e valorização do lugar e das pessoas envolvidas na pesquisa. É importante que o pesquisador tente abarcar uma “descrição densa” daquilo que se vê e, principalmente, que se pesquisa.

O voltar de lá – as experiências observadas

São as análises, considerações e mudanças advindas com a vivência no campo que instigam o pesquisador a pensar sobre as contribuições acerca do que foi visto, coletado e das futuras reflexões sobre o que foi pesquisado. Esta é uma etapa de estruturação e tabulação dos dados, em que se procura entender o quanto a pesquisa e o material colhido em campo podem ser significantes para os rumos do trabalho. Todas as experiências vividas servem como reflexões para a construção da pesquisa. Relacionar observações, integrar momentos diferenciados e prever novas perspectivas servem como suporte na busca por novas e originais análises.

O eu aqui – as contribuições e reflexões e a geoetnografia

Momento de o pesquisador analisar criticamente todos os dados colhidos pensando nos objetivos propostos pela pesquisa. Fase em que as observações do comportamento e o resgate da memória dos pesquisados são dispostos considerando a interatividade entre o “eu” pesquisador e os “outros” pesquisados. Etapa final da pesquisa, em que é importante estruturá-la e fundamentá-la não apenas em teorias antropológicas, filosóficas e geográficas, mas também em um olhar pautado nos relatos das experiências

vividas. A mudança interior adquirida com a vivência com os “outros”, em muitos casos, é incorporada à pesquisa. Lembramos ainda que, além dos resultados acadêmicos esperados, é importante pensar em opções apropriadas de retorno da pesquisa para as pessoas envolvidas.

Essas etapas de ordenamento metodológico justificam-se no pensamento de Geertz (1989). Ele esclarece que toda pesquisa parte da busca de um saber entendido pela visão de um *eu* visto sobre e através de *outro*, conduzido pelo olhar que cada um pretende seguir e entender. Assim, a sequência da pesquisa obedece ao critério de análise, interação e interpretação do “sujeito pesquisador” sobre o lugar e os “sujeitos pesquisados”. Essa sequência deve ser entendida e analisada de forma integrada e indissociável, sempre levando em consideração que toda pesquisa impõe desafios e cabe ao pesquisador saber tirar proveito deles.

É importante frisar que um dos requisitos para a realização da pesquisa geoe-tnográfica está em estabelecer um afastamento, uma desnaturalização do cotidiano observado, para depois, em outro momento, retraduzir o que foi investigado em uma linguagem de novo familiar. A proposta é uma viagem em dupla direção, transitando sempre pelo que é real, visível, e pelo que é abstrato, imaginário – sempre construindo e desconstruindo.

Algumas considerações

Neste texto, apresentamos possibilidades de investigação que privilegiam a pesquisa qualitativa, conforme enfatizado por Godoy (1995a, 1995b) e Triviños (1987). Salientamos, porém, que os caminhos apresentados nem sempre precisam ser trilhados de forma separada e distinta. Cabe ao pesquisador escolher de maneira criteriosa e criativa os melhores instrumentos a serem aplicados em suas pesquisas, levando sempre em consideração a validade na coleta dos dados, sejam eles qualitativos ou quantitativos.

Atualmente, a interação de técnicas vem sendo bastante utilizada em trabalhos de pesquisa. Especialmente na geografia a abordagem qualitativa vem ganhando grande destaque, com a adoção de instrumentos de investigação dos mais variados tipos, de acordo com o tema de interesse e as novas possibilidades de análise apresentadas.

Nesse caso, tomamos como referência a etnografia por oferecer um universo bastante diversificado de possibilidades de análise. Recorremos à antropologia para apresentar os principais meios utilizados nas pesquisas etnográficas. Obviamente, com o passar dos anos, as pesquisas vêm se tornando cada vez mais condensadas e têm curto espaço de tempo para sua realização. Por isso, não propomos realizar uma experiência semelhante à que viveram Malinowski, Geertz e muitos outros antropólogos em ter-

mos temporais, mas, sim, apresentar a utilização de técnicas e instrumentos associados à etnografia para demonstrar que ela pode ser utilizada pelos mais improváveis meios.

Sabemos, porém, que esse instrumento deve ser utilizado com cautela por requerer do pesquisador um olhar minucioso do ambiente e dos fatos pesquisados. A etnografia entrelaça a percepção, a observação e as considerações críticas sobre o “que” e “quem” se pesquisa. Além disso, o pesquisador necessita de tempo e disposição suficientes para planejar e coletar seus dados, procurando utilizá-los de forma criativa e instigante. Esse processo exige uma “descrição densa” (Geertz, 1989), o mais detalhada possível, que perpassa pelo que Malinowski (1978) denominou de esqueleto, carne e sangue e espírito da pesquisa, ou, como prefere Brandão (1995, 2006), as práticas do fazer, as éticas do agir, as lógicas do pensar e o universo simbólico.

Apesar dos inúmeros caminhos, um intenso trabalho de campo é a maior arma de uma pesquisa etnográfica. De acordo com a realidade estudada, cada pesquisador pode escolher livremente seus instrumentos de pesquisa, que podem ser os mais variados possíveis: pesquisa participante, entrevistas livres e/ou semiestruturadas, levantamento de dados primários, questionários, diário de campo, mapas mentais, croquis, fotografias, descrição etc. Todos esses recursos podem ser utilizados em conjunto ou separadamente, a depender da necessidade de cada pesquisa, e auxiliam os estudos etnográficos.

A título de contribuição, apresentamos uma proposta metodológica de pesquisa embasada na geografia e nos estudos etnográficos advindos da antropologia. Ela orienta o pesquisador a respeito das etapas que devem ser seguidas durante a realização da pesquisa e dos diferentes olhares e enfoques a serem tratados. Trata-se de uma linha do tempo que começa muito antes da pesquisa de campo propriamente dita e que não finaliza com as reflexões finais e/ou parciais.

Essa proposta leva em consideração o ideal do encontro entre mundos diversos, ou seja, entre “nós” e “eles”. Pensamos sempre que é necessário que as pesquisas sobre “eles” encontrem fórmulas que proporcionem um pensar sobre “nós”. E, inversamente, é preciso que as pesquisas sobre “nós” incorporem as noções que foram e continuam a ser desenvolvidas para pensar sobre “eles”.

Essa perspectiva supõe dois movimentos simultâneos. Por um lado, incorporamos a antropologia, com estudos sobre as sociedades primitivas, tradicionais, simples. Nesse caso, consideramos apenas as aproximações metodológicas consagradas na noção de pesquisas etnográficas densas. Por outro, afirmamos ser imprescindível que se estabeleça um diálogo entre a geografia e o que produzimos hoje sobre uma infinidade de metodologias e mediante uma variedade de técnicas. Só podemos entender nossa realidade de pesquisa considerando o que aprendemos e continuaremos a aprender

com olhares distintos e até singulares. A pesquisa geoetnográfica é um caminho que se delinea com o fazer/pesquisar.

Por fim, para que as pesquisas geográficas qualitativas obtenham cada vez mais credibilidade, devemos salientar que cabe ao pesquisador optar por ferramentas metodológicas adequadas à sua realidade de pesquisa. Aliado a isso, é importante que ele se preocupe com a análise minuciosa e coerente dos dados coletados e, ainda, apresente formas de devolução dos resultados alcançados para a população ou o ambiente pesquisado.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. “Avanços no conhecimento etnográfico da escola”. In FAZENDA, Ivani (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1995, pp. 99-110.
- . “Tendências atuais da pesquisa na escola”. *Cadernos CEDES*, Campinas, dez. 1997, v. 18, n. 43, pp. 1-9.
- . *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 2008.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRANDÃO, Carlos R. *A partilha da vida*. Taubaté: Cabral, 1995.
- . “A pesquisa participante e a participação da pesquisa”. In — e STRECK, Danilo R. (orgs.). *Pesquisa participante: a partilha do saber*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006, pp. 21-54.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODOY, Arilda S. “Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, mar.-abr. 1995a, v. 35, n. 2, pp. 57-63.
- . “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, mai.-jun. 1995b, v. 35, n. 3, pp. 20-9.
- HAMMERSLEY, Martyn e ATKINSON, Paul. *Etnografia: métodos de investigación*. Barcelona: Paidós, 1994.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Milanesia*. Tradução de Anton P. Carr e Lúcia Aparecida Cardieri Mendonça, revista por Eunice Ribeiro Durham. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores.)
- MOREIRA, Herivelto e CALEFFE Luiz G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. “Pesquisa qualitativa”. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987, pp. 116-73.